



DIVULGAÇÃO CONSUFOR

ECONOMIA APRESENTA TENDÊNCIA DE MELHORA, MAS AINDA REQUER CONDUTA CAUTELOSA DA INDÚSTRIA NACIONAL

Além do mercado doméstico, analistas e porta-vozes do setor avaliam cenário internacional e apontam quais aspectos devem impactar na atuação dos *players* de celulose e papel em 2020

POR CAROLINE MARTIN

Especial para *O Papel*

Enfrentados os desafios acarretados pela estagnação econômica vista no ano passado – de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro

cresceu 1,1% em 2019 –, a indústria nacional prepara-se para um cenário mais animador nos próximos meses. De acordo com Marcio Funchal, diretor de Consultoria da Consufor, a expectativa é que o PIB seja um pouco maior do que 2%

em 2020, enquanto as expectativas em termos de crescimento mundial situam-se em patamares médios de 3% e 3,5%.

Apesar da melhoria, o cenário econômico previsto exige cautela. Ainda é cedo para comemorar e esperar resultados mui-

to expressivos. “Talvez a estratégia mais prudente das empresas para o próximo ciclo de curto prazo seja manter a saúde financeira dos negócios, numa preparação para uma nova janela de crescimento da economia mundial”, avalia Funchal.

Segundo a contextualização do diretor de Consultoria da Consufor, as perspectivas sobre o segmento de celulose de fibra curta indicam mais um período desafiador à frente. O mercado asiático passa por uma profunda reestruturação de suas cadeias produtivas atualmente. Como resultado, acompanha-se um excesso de abastecimento mundial de celulose. “A equalização dos estoques nas fábricas dos consumidores de celulose branqueada demandará mais alguns meses”, prospecta Funchal. “Além disso, a China, em específico, tem vivido um crescimento de contaminações na cadeia de produção de alimentos, o que culminou na crise mundial de contágio de novos vírus. Isso impactará negativamente a indústria mundial em diversos segmentos, como alimentos e itens de consumo imediato, principalmente, mas também celulose e outras commodities”, completa a análise.

O fato de os estoques na cadeia de suprimentos da China estarem muito acima do normal aliou-se às incertezas em torno do crescimento global e da guerra comercial com os Estados Unidos e fez com que 2019 fosse um ano diferente do esperado em termos de volumes e preços. Segundo dados apresentados pelo último Cenários IBÁ, publicação da Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ), a produção de celulose brasileira totalizou 19,6 milhões de toneladas no último ano, valor que representa uma variação negativa de 6,6% em relação ao volume produzido em 2018 (21 milhões de toneladas).

Conforme detalha Marcio Farid, analista de Materiais Básicos para a América Latina do J. P. Morgan, os preços de celulose na China, tanto de fibra longa quanto de fibra curta, caíram cerca de 40% entre os picos de alta do final de 2018 e as cotações mais baixas do final de 2019. O banco acredita a queda expressiva a dois principais motivos: a fraca demanda de papel na Eu-

ropa e o ciclo de redução de estoques na China. “A demanda europeia caiu 10% (o que representa uma perda de mais de 1,5 milhão de toneladas de celulose), sobretudo em função de uma demanda doméstica mais fraca, devido a uma atividade econômica mais lenta, e do aumento da concorrência no mercado de exportação”, esclarece Farid sobre o primeiro motivo.

Na China, os produtores de celulose reestocaram tanto celulose quanto papel durante 2017 e 2018, quando os preços estavam subindo e o sentimento no país era positivo. “A escalada da guerra comercial entre a China e os Estados Unidos no final de 2019 pesou sobre o sentimento e o consumo geral de celulose e papel, desencadeando uma redução de estoques na cadeia de suprimentos pelos produtores de papel. Isso aconteceu ao mesmo tempo em que a produção mundial de celulose estava se normalizando das disrupções recorde em oferta relatadas em 2017 e 2018”, informa Farid sobre o segundo motivo por trás da redução de preços.

A normalização crescente da produção de celulose, somada ao ciclo de redução de estoques na China, resultou em um cenário bastante desafiador para os vendedores de celulose no quarto trimestre de 2018. “A Suzano e a Fibria, à época, duas empresas

distintas, decidiram segurar as vendas aos clientes chineses, prevendo que os compradores voltariam ao mercado após o ciclo de redução de estoques. Mas os embarques do Brasil, e especialmente da Europa, continuaram muito fortes e os volumes foram se acumulando nos portos da China e da Europa”, lembra o analista de Materiais Básicos para a América Latina do J. P. Morgan. Os estoques nos portos europeus atingiram um pico de 2 milhões de toneladas de celulose, perante níveis normais de 1,1 milhão de toneladas a 1,3 milhão de toneladas, tendo chegado a 2,4 milhões de toneladas na China, frente ao volume normal de 800 mil toneladas”, completa sobre a situação vista no ano passado.

Ainda de acordo com o retrospecto feito por Farid, a Suzano continuou a limitar as vendas para a China no primeiro semestre de 2019. Todos os outros produtores globais, no entanto, continuaram a vender para a China a preços de mercado, fazendo com que a Suzano perdesse participação de mercado. “No momento em que a Suzano anunciou que cortaria a produção no Brasil e reduziria os embarques para a China, o excesso de estoques já estava muito alto. Estoques elevados e tão perto dos consumidores finais na China deram aos compradores certo



O cenário que se desenvolveu ao longo de 2019 e levou à queda significativa dos preços de celulose deve trazer consequências para este ano



DIVULGAÇÃO CONSUEIRA

Nas empresas verticalizadas, há vários exemplos de investimentos relacionados ao aumento da produtividade, eficiência na produção e gestão das florestas

nível de conforto – eles não precisavam ter pressa em comprar, pois havia muito volume de produto bem próximo a eles, quando eles geralmente têm de esperar de 40 a 60 dias para as cargas vindas do Brasil.” A atividade de compras começou a melhorar quando a Suzano decidiu ser mais flexível na estratégia comercial. “A consequência foi uma queda agressiva nos preços de celulose, mas também começamos a ver os estoques nos portos caindo”, esclarece Farid.

No final de 2019, os riscos da guerra comercial também diminuíram, o que resultou na melhoria no sentimento dos negócios e consumidores na China, fazendo deste o momento certo para reestocar. Os clientes consideraram o fato de os preços de celulose estarem em posição recorde de nível baixo.

Segundo o analista de Materiais Básicos para a América Latina do J. P. Morgan, o quarto trimestre de 2019 também foi marcado por uma melhora de demanda, devido à temporada de impressão antes do início do ano letivo de 2020 e do 70.º aniversário do Partido Comunista na China. A sazonalidade permitiu que

a reestocagem continuasse até o final de 2019, fazendo com que o sentimento dos vendedores e compradores globais de celulose melhorasse no início de 2020.

Neste ano, informa Farid, possíveis disrupções na oferta de celulose, a exemplo da greve finlandesa e dos baixos níveis de água na Indonésia, também vêm resultando em uma melhor perspectiva para os preços da celulose. Mas o risco de os preços da celulose permanecerem baixos segue latente, estendendo-se por mais tempo do que o esperado. “A principal preocupação é a demanda na Europa, que ainda traz perspectivas incertas para 2020. As empresas brasileiras têm conseguido ganhar participação de mercado nos Estados Unidos por causa de fechamentos recentes de capacidades produtivas e da crescente demanda por tissue, mas a forte concorrência dos Estados Unidos e da China pode restringir o crescimento futuro”, contextualiza o analista de Materiais Básicos para a América Latina do J. P. Morgan.

O cenário que se desenvolveu ao longo de 2019 e levou à queda significativa dos preços de celulose – no início do ano

passado, a tonelada de fibra curta começou a ser vendida por US\$ 770 na China e chegou a fechar o ano com o preço de US\$ 450 – deve trazer consequências para este ano. “A não ser que haja uma recuperação muito forte e muito rápida nos próximos meses, a média de preços deste ano será baixa, considerando que o ponto de entrada é bastante deprimido”, aponta Thiago Lofiego, analista sênior responsável pelos setores de Papel e Celulose e Siderurgia e Mineração do Bradesco BBI. Enquanto a média de preços da fibra curta foi de US\$ 570, a média estimada para este ano gira em torno de US\$ 490. Para 2021, informa Lofiego, a média sobe para US\$ 550, resultado de uma recuperação gradual que se inicia a partir do segundo trimestre deste ano.

Com relação à demanda esperada para 2020, Lofiego informa que os Estados Unidos devem manter o consumo habitual, com um comportamento estável em comparação ao apresentado no último ano. A Europa, por sua vez, ainda oferece risco de queda de consumo, considerando que os estoques seguem alto nesses países. “O grande pivô do mercado, como vem

sendo nos últimos anos, é a China. Neste ano, os papeleiros começaram a reestocar celulose, por terem chegado a um consenso de que o preço de US\$ 450, visto no final de 2019, refletia o fundo do poço. Quando isso acontece, normalmente observamos um processo de reestocagem. Este ano, portanto, deve ser de crescimento de demanda de celulose na China, com potenciais ajustes de capacidade, por conta dos preços mais baixos”, explica o analista sênior do Bradesco BBI, adicionando que a demanda global deve aumentar em torno de 1,1 milhão de toneladas em 2020, média considerada normal.

Dando enfoque à oferta, o que tem para ser absorvido pelo mercado é basicamente o volume da Suzano, que volta a utilizar a capacidade produtiva em sua totalidade. “A empresa deve começar a brigar para reconquistar market share. Com isso, capacidades que estavam ociosas devem ser retomadas, levando a um aumento em relação à oferta registrada no ano passado”, pontua Lofiego, justificando os motivos que fazem o mercado apostar em uma recuperação gradual de preços. “Se por um lado a demanda tende a melhorar, por outro, a oferta deve crescer.”

O fator coronavírus também pode ser relevante no cenário global, conforme frisa o analista sênior do Bradesco BBI: “o primeiro trimestre deste ano será mais fraco potencialmente do que o esperado por conta dessa questão da epidemia. O nível de atividade chinês deve ser bem mais fraco e, por consequência, o consumo de papel e celulose também”. Isso pode pesar na decisão dos produtores de aumentar preço no curto prazo e até mesmo trazer mudanças na trajetória de mercado esperada.

Direcionando o olhar aos principais investimentos anunciados na América Latina, Lofiego lembra que nenhum deve se desdobrar ao longo dos próximos meses. A expansão da Arauco, no Chile, a partir do projeto MAPA, cuja capacidade produtiva será de 1,3 milhão de toneladas de fibra longa, deve ter início em 2021. Já o *startup* do projeto da UPM, no Uruguai, com produção de 2,1 milhões de toneladas de fibra longa, está previsto para 2022.

Na visão de Funchal, como o cenário de curtíssimo prazo não mostra alterações mercadológicas ou regulatórias significativas, tanto no contexto nacional como internacional, os *players* do segmento de celulose devem seguir trabalhando com as linhas estratégicas adotadas em 2019. Processos de fusões e aquisições destacam-se entre tais estratégias. “A consolidação de operações foi visível tanto no segmento de celulose (marrom e branca) como no de papel, fato que demonstra que mesmo em um cenário de incertezas como o de curto prazo, os investidores e gestores das corporações acreditam na solidez das atividades”, comenta o diretor de Consultoria da Consufor.

Otimização de processos em busca de ganhos de produtividade e eficiência operacional é mais uma frente estratégica adotada pelas empresas do setor. “Nas empresas verticalizadas (floresta + indústria), há vários exemplos de investimentos relacionados ao aumento da produtividade, eficiência na produção e gestão das florestas como uso intensivo de drones, sensores meteorológicos, sensores para medição da produção, desenvolvimento de novo maquinário para colheita e transporte de madeira. No âmbito industrial, vemos projetos voltados à reutilização de água das caldeiras, tratamento eficiente de rejeitos, eficiência energética, controle automatizado da produção e outros diversos”, cita Funchal.

Outra tendência vista entre as empresas verticalizadas é a redução da dependência de aporte de madeira proveniente do mercado regional. “Houve compras de importantes ativos florestais e foram assinados importantes acordos de abastecimento de madeira de longo prazo com grandes produtores florestais profissionalizados (reflorestadores de grande porte, timos e fundos de investimento)”, explica Funchal, sublinhando que tais ações impactaram o mercado de compra e venda de madeira em tora em vários Estados, numa clara sinalização de preocupação com o futuro do negócio frente às novas expansões industriais.

Segmentos de papel devem esperar por um ano menos amigável para o comércio externo

Dando enfoque às projeções de crescimento para a economia brasileira em 2020, Rafael Barisauskas, economista da América Latina da Fastmarkets RISI, informa que é esperado que o consumo das famílias melhore em relação ao apresentado no ano passado, seguindo uma maior geração de empregos e concessão de crédito. “Também acreditamos que a produção industrial crescerá em relação ao triênio 2017-2019, quando o desempenho foi muito fraco e abaixo do que o mercado, como um todo, esperava”, pontua, ressaltando que isso deverá ter um impacto positivo sobre a demanda por embalagens, já que os principais segmentos demandantes (alimentos, farmacêutico, higiene e limpeza, plástico e borracha) devem crescer.

O cenário, entretanto, apresenta alguns riscos, a exemplo da confiança, tanto do empresário como do consumidor, que segue patinando e limitando investimentos maiores e de longo prazo. “Com isso, a geração de empregos tende a ser lenta e o ritmo de recuperação da economia mais



IMAGEM: FASTMARKETS RISI

Barisauskas: Apesar de toda a instabilidade vista em 2019, importantes segmentos demandantes de embalagens (alimentos, farmacêutico, varejo) tiveram desempenho positivo

devagar”, explica Barisaukas. Ele lembra ainda que existem questões pendentes relativas ao endividamento público e ao ajuste fiscal, fatores que também freiam a capacidade de investimento público e a atratividade do Brasil para investimentos privados de longo prazo em muitos setores-chave.

Voltando o olhar ao desempenho do segmento de papéis e embalagens apresentado no ano passado, Barisaukas destaca que se trata, de modo geral, de um setor que acompanha o ritmo da economia brasileira. “É claro que existem setores demandantes menos sensíveis às oscilações econômicas, mas a tendência de acompanhar o PIB se mantém. Quando 2019 teve início, a expectativa era de uma retomada mais rápida e consistente da economia ao longo do ano, o que não ocorreu. Ainda assim, apesar de toda a instabilidade, importantes segmentos demandantes de embalagens (alimentos, farmacêutico, varejo) tiveram desempenho positivo.”

O último levantamento da IBÁ aponta que a produção de papel para embalagem totalizou 5,4 milhões de toneladas

em 2019, registrando um incremento de 2,4% em relação à produção de 2018. A produção de papelcartão também apresentou crescimento (2,8%) em comparação ao ano anterior, fechando 2019 com um total de 761 mil toneladas.

De acordo com a análise do economista da Fastmarkets RISI, o debate político e social envolvendo as reformas econômicas propostas pelo governo gerou muita incerteza no mercado interno e freou, em grande parte, o ritmo da demanda e dos investimentos privados em 2019. Do ponto de vista dos gastos do governo, os impactos foram ainda mais negativos, uma vez que os investimentos públicos foram limitados. A demora na definição dos temas também contribuiu para tornar o ambiente ainda mais volátil.

Desafios à parte, o balanço de 2019 para o setor de embalagem é positivo. Pedro Vilas Boas, diretor da Anguti Estatística, informa que os produtores de papéis de embalagem foram beneficiados pela forte demanda vista no último trimestre do ano. “Em dezembro, a Associação Brasileira de Papelão Ondulado (ABPO) registrou uma expedição de cai-

xas, chapas e seus acessórios de 286 mil toneladas, um volume 7,5% superior ao registrado no mesmo mês de 2018”, diz, reforçando que é um excelente resultado.

O bom desempenho nas vendas foi acompanhado de uma queda nos preços das matérias-primas. A combinação resultou em um ano de recuperação de margens, que também foram favorecidas com aumento de preços do papel nos últimos meses do ano.

As boas vendas verificadas no final do ano e o bom início de 2020 levaram as indústrias a reduzirem o estoque de bobinas de papel, inclusive com redução no preço das aparas. “Esta situação pode sofrer alterações a partir do segundo trimestre, quando poderemos observar alguma falta de aparas. Isso poderá pressionar o custo de produção de papel com eventuais aumentos de preços da matéria-prima”, vislumbra Vilas Boas.

As crises políticas nos países vizinhos latino-americanos também tiveram um papel importante para o desempenho do setor no Brasil no ano passado e prometem novos impactos neste ano. Conforme esclarece Barisaukas, o investidor

DIVULGAÇÃO KLABIN



Desafios à parte, o balanço de 2019 para o setor de embalagem é positivo. Os produtores de papéis de embalagem foram beneficiados pela forte demanda vista no último trimestre do ano

estrangeiro enxerga a América Latina como um todo com menos confiança quando há um problema em algum país da região, afetando também o Brasil.

O fato é que o cenário para exportações continua permeado de incertezas. “Globalmente, 2020 tende a ser menos amigável para o comércio externo do que foram os últimos anos. Há vários fatores que devem limitar o comércio internacional e a demanda por embalagens em 2020, como as disputas comerciais/tarifárias envolvendo as economias maduras, os efeitos do Brexit na Europa e até mesmo os riscos de uma epidemia global após o rápido aumento de contaminações com o coronavírus na China”, lista Barisaukas.

Na América Latina, o cenário também não é muito claro. Embora as perspectivas sejam positivas para os principais mercados da região – Chile, Colômbia, Peru e México –, são negativas para Argentina. “Existe sempre um risco relativo à instabilidade política na região, uma vez que as coisas podem sair do controle muito rapidamente. Além disso, é comum que, quando as coisas não vão bem na Argentina, o exportador brasileiro seja prejudicado, uma vez que o país é um grande consumidor de produtos manufaturados brasileiros, o que afeta, de alguma maneira, o segmento de embalagens”, detalha o economista da Fastmarkets RISI.

Vilas Boas atenta para outro agravante: “após anos sem novidades, neste ano, poderemos ter a entrada de uma grande expansão na produção de duas fábricas brasileiras, sendo que as duas novas capacidades estão contando com o mercado externo para serem absorvidas. Assim, o setor de embalagens deve ter um ano desafiador, principalmente no mercado de kraftliner, mas também no mercado de papéis reciclados. De qualquer forma, como estas capacidades só deverão entrar no mercado nos últimos meses do ano, os impactos serão mais sentidos em 2021”.

De acordo com a IBÁ, a Klabin representa R\$ 9,1 bilhões dos R\$ 32,9 bilhões de investimentos previstos pelo setor de árvores cultivadas ou em andamento até 2023. O investimento da companhia

será destinado a uma nova linha em Santa Catarina, que produzirá papelcartão e papelão kraftliner. Já a WestRock, que inaugurou uma fábrica de papelão kraftliner em São Paulo em 2019, prevê aportar outro R\$ 1,3 bilhão para ampliar fabricação do mesmo produto na planta de Santa Catarina.

Lançando o olhar ao segmento tissue, as expectativas são otimistas, considerando o crescimento esperado para a economia brasileira em 2020. “Com todos os indicadores econômicos mostrando recuperação do consumo interno, a indústria de papéis de fins sanitários deve continuar sendo favorecida. Além disso, a recuperação econômica também deve propiciar uma melhora para o segmento institucional, cujas vendas são mais dependentes do crescimento de outros setores econômicos”, revela Vilas Boas.

Segundo o informativo da IBÁ, em 2019, o segmento tissue apresentou uma produção total de 1,3 milhão de toneladas, valor que sinaliza uma alta de 6,2% em comparação à produção de 2018.

Caso as boas previsões se concretizem, as toalhas de mão também deverão apresentar um bom desempenho ao longo deste ano. O problema, lamenta Vilas Boas, é que o setor vive um problema crônico: a dificuldade em negociar seus produtos, principalmente com os supermercados, que costumam ter mais poder de negociação. “Isso significa que poderemos ter queda de preços nos próximos meses”, adianta o diretor da Anguti Estatística.

Os preços das matérias-primas usadas para a fabricação de papel tissue – que resultaram em recuperação de margens para o segmento ao longo de 2019 – devem seguir estáveis. “Embora a celulose tenha parado de perder valor no exterior, as condições econômicas fora do Brasil não indicam uma retomada forte de crescimento, o que deve manter seus preços estáveis ou com aumentos em níveis moderados e administráveis pelos consumidores. Dessa forma, não devemos ver problemas de abastecimento nos próximos meses. O mesmo vale para as aparas



DIVULGAÇÃO ANSUTTI

Com todos os indicadores econômicos mostrando recuperação do consumo interno ao longo deste ano, a indústria de papéis de fins sanitários deve continuar sendo favorecida, conforme esclarece Vilas Boas

brancas, ainda que, neste caso, a geração esteja baixa em função da estagnação no consumo de papéis de imprimir e escrever”, resume Vilas Boas.

O segmento de imprimir e escrever recorreu às exportações para driblar o baixo dinamismo econômico do Brasil. Conforme aponta Paulo Hartung, presidente executivo da IBÁ, mais de um terço da produção total (2,4 milhões de toneladas) de 2019 foi destinada ao mercado externo, o que resultou em uma alta de 4,3%, em comparação às exportações de 2018. “Internamente, o mercado não aqueceu o suficiente, o que impactou as vendas. De acordo com o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), em 2019 houve queda de 6% na venda de livros não didáticos”, adiciona ele sobre o desempenho do segmento.

Ainda na análise de Hartung, o País deve apresentar uma pequena retomada de consumo ao longo deste ano, fato que pode fazer com que o mercado cresça. “Mesmo que timidamente, o aquecimento do consumo pode fazer com que os livros não didáticos tenham saída maior”, finaliza, com a perspectiva para os próximos meses. ■